

MARINA MESTRINHO PELIANO

**Deste Mundo**

Brasília  
2014

MARINA MESTRINHO PELIANO

**Deste Mundo**

Trabalho de conclusão de curso de Artes  
Plásticas, Habilitação em Bacharelado, do  
Departamento de Artes Visuais do Instituto  
de Artes da Universidade de Brasília.  
Orientadora: Profa. Dra. Karina Dias

Brasília  
2014

## *As Efêmeras na Fortaleza*

*Um enxame de efêmeras se chocou voando contra uma fortaleza, depois pousou nos bastiões, tomou de assalto a torre mor, invadiu o caminho da ronda e os torreões. As nervuras das asas transparentes mantinham-se suspensas entre as muralhas de pedra.*

*“É inútil tentarem equilibrar-se em suas membranas filiformes”, disse a fortaleza. Só quem foi feito para durar pode aspirar a ser. Eu duro, logo existo; vocês não.”*

*“Nós habitamos o espaço do ar, escandimos o tempo com o bater das asas. O que mais quer dizer: ser?”, responderam as frágeis criaturas. “Já você é somente uma forma posta aí, para assinalar os limites do espaço e do tempo em que existimos.”*

*“O tempo escorre sobre mim: eu permaneço”, insistia a fortaleza. “Vocês apenas afloram a superfície do devir como a pele da água dos riachos.”*

*E as efêmeras: “Nós saltamos no vazio assim como a escrita sobre a folha branca e as notas da flauta no silêncio. Sem nós, não resta senão o vazio onipotente e onipresente, tão pesado que esmaga o mundo, vazio cujo poder aniquilador se reveste de fortalezas compactas, o vazio-cheio que só pode ser dissolvido por aquilo que é leve e rápido e sutil”.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Italo Calvino, Coleção de Areia, p.87

Acesso<sup>1</sup>

Pequenos territórios<sup>2</sup> compõem este trabalho. Cada território apresenta uma característica e juntos constituem um mundo próprio, particular. Estão aqui agrupados desta maneira para melhor entendimento e exploração do meu trabalho de conclusão de curso, apresentado no Espaço Piloto. São eles: **mapa, fragilidade, canto, pequenez, deste mundo e destes mundos**.

Desvencilho-me da noção de *memorial* para tomar emprestado a palavra **mapa**, com o significado dado por Italo Calvino em seu livro Coleção de Areia<sup>3</sup>. Para o autor, mapa é um memorando da sucessão de etapas, o traçado de um percurso. Este que trilhei durante os meus anos de graduação.

Em **fragilidade** abro espaço para a percepção das características das peças que as fazem pertencer a esta denominação, relacionando-as às obras de alguns artistas com semelhante proposta.

Em canto evidencio o espaço arquitetônico caracterizado pelo encontro de paredes e ângulos, espaço recluso. Foi o escolhido para acolher as minhas peças. São muitas as atribuições dadas ao canto e discorro sobre as que me levaram a elegê-lo para dialogar com a obra.

<sup>1</sup> Posiciono a palavra acesso onde inicialmente estaria a palavra apresentação, para indicar ao leitor de que este está iniciando viagem a um novo mundo. Significado utilizado: 1 ato de ingressar, entrada, ingresso 2 possibilidade de alcançar. Dicionário online Houaiss.

<sup>2</sup> Troco a palavra *capítulo* pela *território*.

<sup>3</sup> CALVINO, Italo. Coleção de Areia, p.25.

**Pequenez** amplia o universo das dimensões mínimas para um possível habitar do espectador. **Deste mundo** discorre sobre os materiais utilizados na obra, explorando as suas relações.

Por fim, em **destes mundos** me aproximo de obras literárias que têm em comum a descoberta de que tudo o que fazemos está impregnado de nós mesmos, de nosso universo particular. Em O Sonho do Cartógrafo<sup>1</sup>, Fra Mauro tinha a ambição de criar um mapa total do mundo a partir de relatos de viajantes; em Cidades Invisíveis<sup>2</sup>, Marco Pólo descrevia todas as cidades que já havia visitado ao imperador Kublai Khan e, em Carta do Monte Ventoux<sup>3</sup>, o poeta Petrarca discorre sobre sua experiência ao escalar este monte.

As questões aqui apresentadas foram surgindo a partir de meu processo de criação em concomitância com leituras, pesquisas e conversas. Surgiram, principalmente, de uma observação cuidadosa, atenta em respeitar as características mais intrínsecas das peças, sem, no entanto, restringi-las à associações visuais ou rotulações. Meu desejo é que cada observador/leitor tenha a possibilidade de habitar os territórios aqui apresentados.

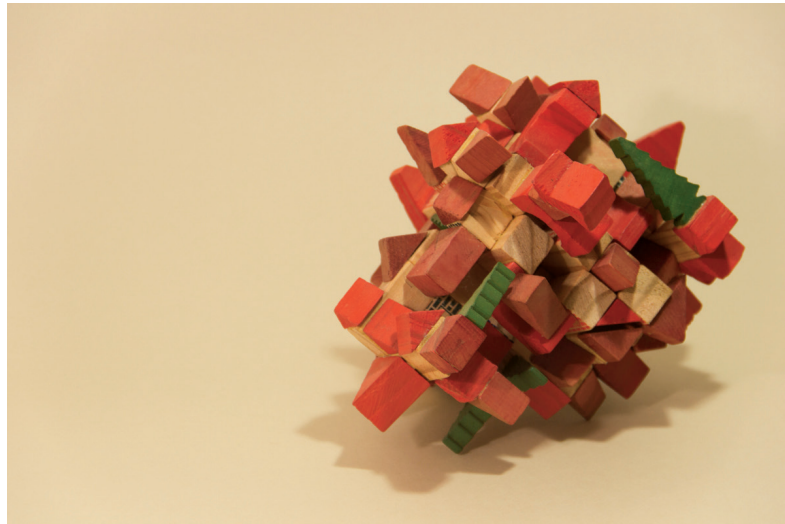
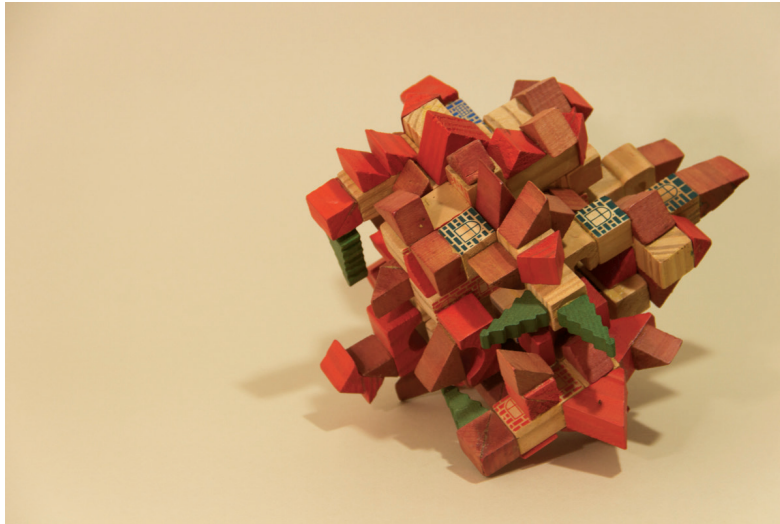
Tome este texto como um convite à exploração.

<sup>1</sup> COWAN, James. O Sonho do Cartógrafo.

<sup>2</sup> CALVINO, Italo. As cidades invisíveis.

<sup>3</sup> RITTER, Joachim. *L'ascension du mont Ventoux in Paysage: fonction esthétique dans la société moderne*. Besaçon: Éditions de L'Imprimeur, collection Jardins et Paysage, 1997.

## Mapa



Sem título. Escultura 1, dimensões variáveis.  
Blocos de montar Pequeno Arquiteto, 2010

Encontro de bloquinhos. Juntos são um só.

Abertura para um diálogo com o lúdico. Querer montar e não poder. Estão grudados uns aos outros. Impossibilidade.

Núcleo infantil que não pode mais relacionar-se com a infância. Não poder brincar.

A perda de uma infância que se estagnou e se consolidou como forma, oferecendo seu telhado pontiagudo a quem o quer tomar pelas mãos. Perda da inocência.

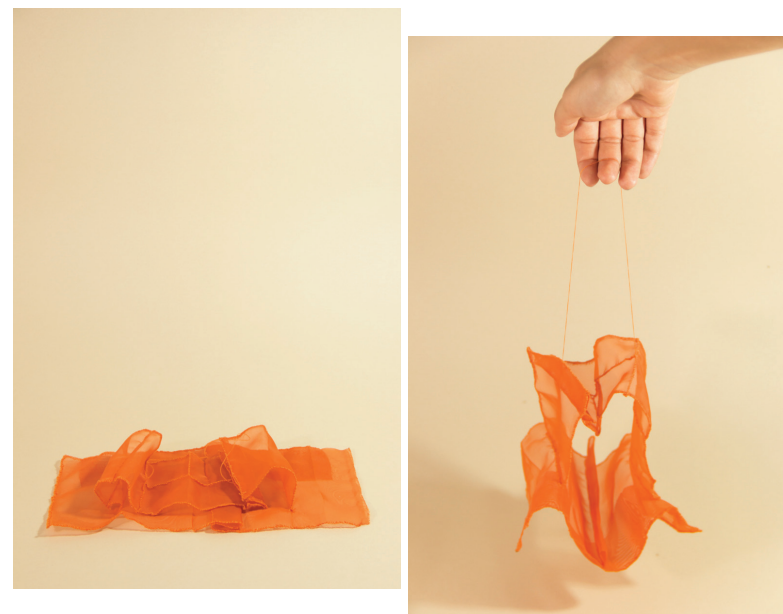
Desde já me interesse por um tamanho diminuto de obra, portátil.

Necessidade material presente no espaço. Escultura.



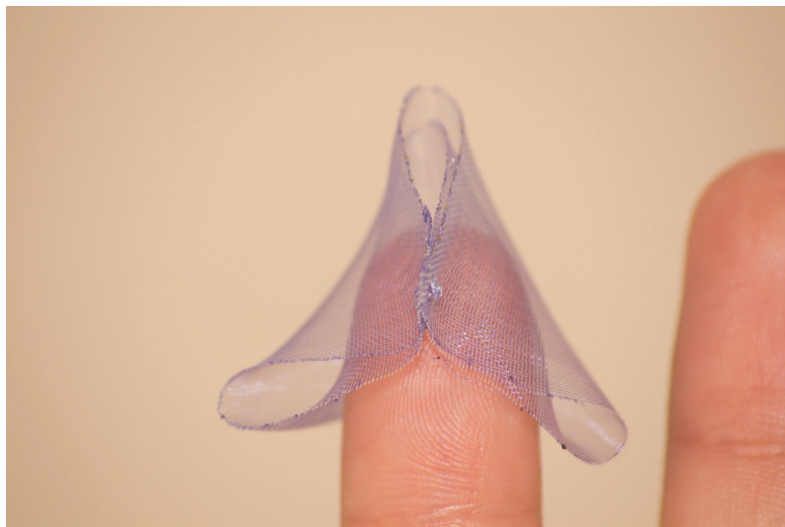
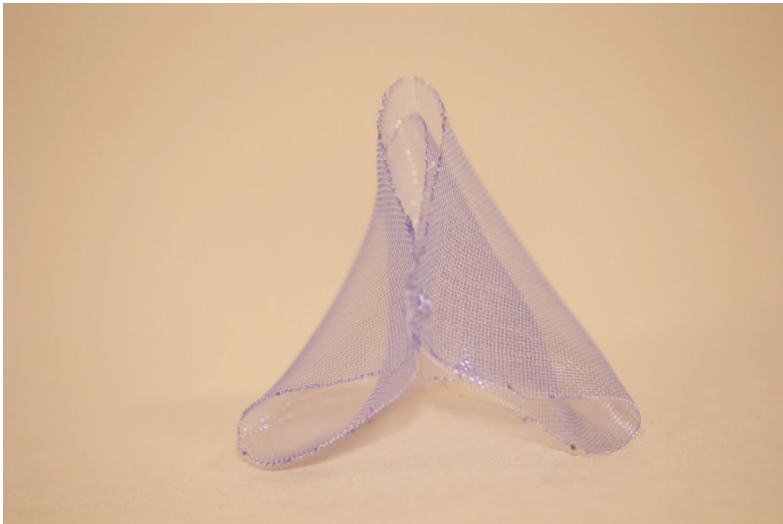
Sem título. Pintura 2  
Algodão, fio de cobre, fio de silicone, 31cm de diâmetro 2011

Construção de volumes no espaço bidimensional. Textura. Espaço de experimentação. Ganhar o espaço aos poucos. Desafio a trama do algodão e uso as linhas desfeitas para costurar pedaços rasgados deste mesmo tecido sobre tela de pintura já preparada. Diferentes fases de um mesmo material. Aglomeração. Desconstruir para construir.



Destruturas. Ateliê 1, voil e linha de costura,  
dimensões variáveis, 2013

O tecido abandona a tela como suporte e se liberta no espaço. Estrutura a si mesmo, cria independência, mas depende da relação de manuseio com o outro para se fazer como forma. Minimalista pela economia de materiais e cores. Tecido recortado e remendado sobre si mesmo por linha de costura de mesma cor. Estrutura desestruturada. Do repouso à vida.



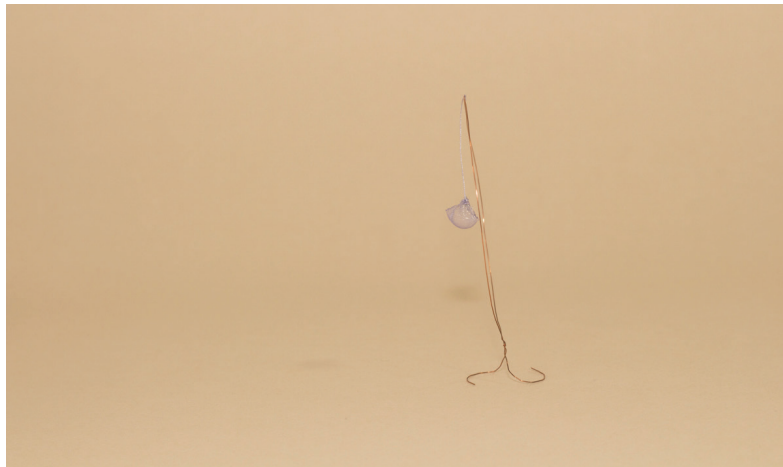
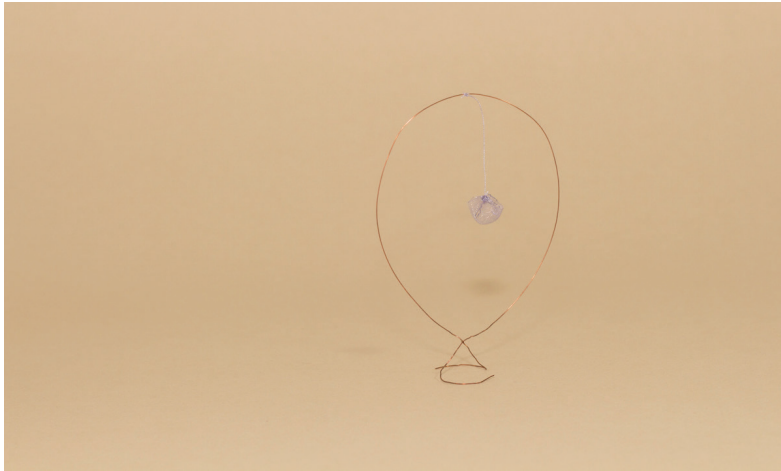
Sem título. Ateliê 2, organza e linha de costura,  
2.5cm x 3cm x 2.7cm, 2013

Exploração da experiência relacional das peças com o observador, que se torna ativo. Algumas são produzidas propondo interações com partes específicas do corpo. A abertura ao manuseio aumentou minha atenção e cuidado durante o ato de confecção das peças para não desfiarem nem desmancharem.

Momento de conhecimento mais profundo das características do material, que são: organza e linha de costura. A economia de materiais me permite maior experimentação. Passo a queimar o tecido de formas variadas, testo dimensões e cores diferentes do mesmo tecido. Vou do mínimo ao grande, sempre observando as reações do tecido de acordo com as proposições. Nessa fase de testes encontro um conforto maior com a dimensão mínima. O tecido se tenciona mais facilmente sendo moldado em pequenos pedaços. Adquire mais personalidade e elegância.



## Fragilidade



1 Detalhe, uma das peças de *Deste mundo*, arquivo da artista.

A noção de fragilidade e instabilidade está presente em todos os aspectos das peças. O tecido está quase a ponto de desfilar-se, recortado em pequenos pedaços cuidadosamente costurados e perpassados, seja pela linha de costura, seja pelo delicado fio de cobre.

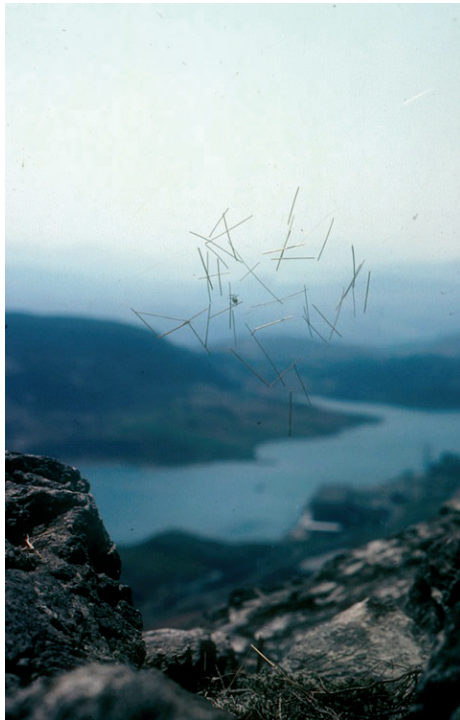
Cada peça em sua individualidade abre uma questão, mas uma sozinha não faz sentido sem a presença das outras. Uma complementa a outra, criando diálogos entre si, dentro de um próprio vocabulário formal, chegando a criar frases completas, uma narrativa. Narrativa como destino final de uma viagem interna a partir da vivência da obra. Mas nada disso está claro para quem não se entrega a tentar compreender o que vê. Talvez não seja nem compreender, apenas receber.

Nada é claro por si.

Nenhum aspecto das peças nos transmite segurança e estabilidade, estão sempre quase a ponto de desmoronarem, de seguirem com a corrente de ar. A força delas está na contradição do esperado, do mais lógico, na insistência de se afirmarem no improvável. Resistência à gravidade. Como estruturas tão desajeitadas e inseguras se sustentam como forma completa? Não arquitetura. Dimensão mínima. O efêmero permanece.



O domo de acrílico abraça as pequenas peças exaltando ainda mais sua fragilidade pulsante. Uma proteção. Protege mas não isola. Um cuidado que, tomado, abre um convite à aproximação sem medo do desabamento. Fecha para abrir um mundo. Possibilidade de criar, de afeição, admiração. Domínio sobre o espaço demarcado. Domínio distante. Dualidade como equilíbrio. Dualidade como resolução.



Andy Goldsworthy, Sticks in a Cobweb.

*“A imagem precária que desejamos evocar é um convite ao que convoca nosso olhar e reivindica nossos afetos, sendo necessárias disponibilidade e atenção para realizar este encontro. O movimento proposto é, portanto, o de atentar-se para uma experiência afetiva e particular propiciada pela relação de cumplicidade entre obra e observador”<sup>1</sup>*

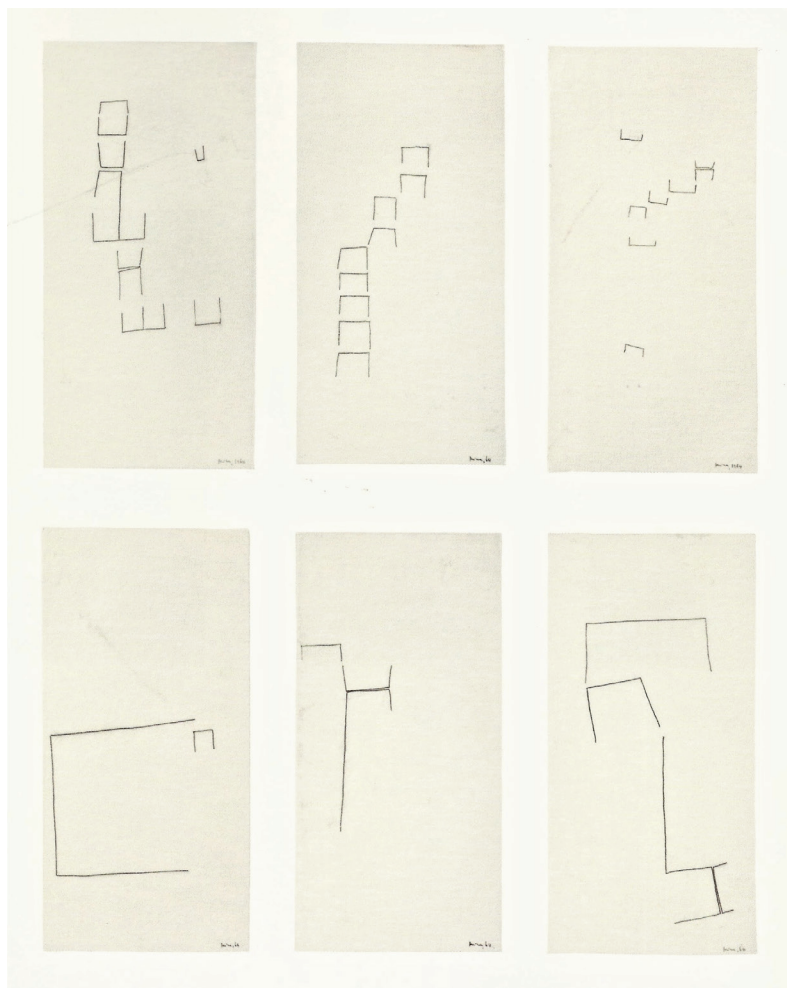
<sup>1</sup> PAIVA, Luciana. Precário: fragilidade e instabilidade na imagem, p. 25

Respiro. À beira de. Sopro como como furacão. Fotografia como domo de acrílico. Sticks in a Cobweb acontece a partir da relação do observador com a imagem estática. Livre de perigos, o observador se entrega à contemplação.<sup>1</sup>

Os habitantes *Deste mundo* são transparentes por revelarem-se ao mundo como são. Gestualidade formal desnuda. Traduz em forma o ato de construção. São honestos. Expõem-se por completo, com suas imperfeições e fragilidades *destruturalmente*<sup>2</sup> evidentes. São perceptíveis os retorcidos do fio de cobre, os dobrados do tecido, a perfuração do tecido pelo cobre e pela agulha que deixou seu rastro de costura, a linha, e deu forma ao tecido; o modo como o cobre foi manualmente moldado para dar estrutura ao tecido e sustentar-se sobre a superfície, sem que desmoredone. Nada se esconde, nada é sólido. Diáfano. Acanhados, exigem atenção e aproximação de quem se dispõe a vê-los. Só se abrem ao observador interessado, que se desloca em sua direção.

<sup>1</sup> Neste parágrafo refiro-me à obra *Sticks in a Cobweb*, de Andy Goldsworthy, mas todas estas reflexões se deram em concomitância com a observação atenciosa de *Deste mundo*.

<sup>2</sup> Faço referência a meu trabalho denominado *Destruturas*, apresentado neste mesmo texto, em *Mapas*.



Mira Schendel, Sem Título, 1964 da série Monotipias<sup>1</sup>

O cobre se apresenta como os traços de um desenho, como os traços de Mira, projetados no espaço. Sustentam-se sozinhos no ar, tendo apenas como amparo o leve toque do solo e o abraço lânguido do tecido.

“Uma coisa muito frágil e tênue, quase no limiar do ser e não ser. Uma coisa ambígua”<sup>2</sup>

“Da maneira mais frágil possível, da maneira mais precária, no limiar da existência, ela se apresenta ao mundo.”<sup>3</sup>

Vemos e sentimos a presença frágil do manuseio. Gestualidade. A instabilidade da imagem.

O simples carrega em si sua complexidade.

<sup>1</sup> Óleo sobre papel de arroz, 74 x 23 cm(cada). Catálogo Mira Schendel, Pinacoteca do Estado de São Paulo, p.142.

<sup>2</sup> Catálogo Mira Schendel, p.235

<sup>3</sup> Id. p.236

*“Todo o infinito encontra-se neste ângulo de pedra.”<sup>1</sup>*

## Canto

Como apresentar este pequeno mundo aos outros? Algo delicado, quando o foco é respeitar suas características dando devida atenção às suas necessidades dentro do espaço de uma galeria, que vai ser habitada por outros tantos trabalhos muito distintos entre si. Como gostaria que as pessoas se relacionassem com ele?

Resolvi visitar o Espaço Piloto e observar o ambiente disponível. É um espaço complexo porque abrigará uma exposição composta por muitos trabalhos. Não gostaria que meu trabalho estivesse disposto no meio do caminho, posicionado de maneira desesperada, como se dissesse “estou aqui. Me veja!”. Não. Ele precisa de recolhimento e reclusão. Algum lugar onde possa repousar e ser visitado com calma e cuidado. A leitura do capítulo A Miniatura, de A Poética do Espaço de Gaston Bachelard, me conduziu ao capítulo anterior, denominado Os Cantos. Não precisei nem começar a ler para ter a certeza de que descobrira a resposta de minha inquietude.

“Todo canto de uma casa, todo ângulo de um aposento, todo espaço reduzido onde gostamos de nos esconder, de confabular

conosco mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um aposento, o germe de uma casa”<sup>1</sup>

No canto meditamos sobre as questões mais íntimas e perturbadoras do nosso ser, de nosso universo.

Iluminar o canto. Abrir a possibilidade de se aproximar e de explorar uma geografia que surge a partir do contato com o outro. Não é mais meu. Encontro de mundos. Universos. Habitar o canto. O canto permite sonhar. E “A miniatura faz sonhar”<sup>2</sup> Que melhor lugar para instalar o meu trabalho?

O canto é ilimitado.

O que é um diário senão um canto, um abrigo, onde depositamos nossas questões mais íntimas? Espaço de projeção do nosso ser.

Canto que dá lugar.

Imersão.

Mapa de situações.

Canto caderno.

Ao abrir a próxima página, posicione a face esquerda do caderno, de modo que juntamente com a face direita, formem um L, e o repouse em pé sobre uma superfície.

<sup>1</sup> Czeslaw Milosz em BACHELARD Gastón. A Poética do Espaço. p. 299

<sup>1</sup> BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço, p. 295

<sup>2</sup> BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço, p. 305



Canto de contemplação,  
canto de respiro,  
canto de projeção.

Elevadas, as peças parecem flutuar. Não querem estar ligadas ao chão. O chão é estável demais para elas. Estão no encontro de planos e ângulos. Aparadas pelo canto. Querem ser exploradas, não dominadas. Por isso elevam-se à altura do olhar, indicando permissão para se aproximar. Maquete do [in]existente.



Cildo Meireles. Espaços Virtuais: Cantos, 1967/68.

Canto como lugar ilusório, passagem secreta. Brincadeira de ângulos. Lugar criado, [in]existente. “À imobilidade condensada se associam as mais longínquas viagens num mundo desaparecido.”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço, p. 299 e 300

O canto é comumente relacionado ao passado, ao que quer ser esquecido.

Mas que está ali. É parte de nós. Pronto para ser enfrentado. Enfrentado neste encontro de paredes. Paredes como espelhos. Olhamos para nós mesmos.

Segredo bem guardado.

“[...]Há ângulos de onde não se pode mais sair”<sup>1</sup>

Talvez o aspecto visual mais estável das peças sejam suas sombras, que, projetadas na superfície, dão apoio visual ao que é diáfano.

A sombra, esse registro virtual da existência, atesta a presença física das peças. Cooperação. Complementação. As sombras apontam na superfície uma estabilidade que é ilusória.

<sup>1</sup> Pierre Albert-Birot em Id. p. 301

A Pequenez das peças é uma característica que surgiu à medida em que fui ganhando intimidade com o material e percebendo suas possibilidades de expressão. Vários tamanhos foram testados, mas sua trama espaçada de forte personalidade pedia uma qualidade expressiva que valorizasse suas formas. Reagia melhor quando manuseado em tamanhos pequenos, adquirindo corpo.

O pequeno requer disponibilidade de contemplação.

“Depois as diferenças mínimas entre areia e areia obrigam a uma atenção cada vez mais absorta, e assim, pouco a pouco, entra-se numa outra dimensão”<sup>1</sup>

Cada peça é única e distinta das demais. Formam um conjunto, um vocabulário, criando diálogos.

O pequeno exige atenção, aproximação, cuidado no explorar. Mostram-se frágeis, com muito a dizer. Desejo de habitar o pequeno.

“[...]são justamente essas áreas desertas, desabitadas, que despertam na imaginação o desejo de vivê-las por dentro, de encolher até encontrar o próprio caminho no emaranhado dos signos, de percorrê-las, de perder-se”<sup>2</sup>

<sup>1</sup> CALVINO, Italo. Coleção de areia. p.12

<sup>2</sup> Id. p. 31



A economia de tamanho, de cor e de material nos faz ater às suas características mais genuínas, aos seus detalhes. Ater-se aos detalhes não significa abrir mão do conjunto. Significa abrir-se a um novo universo de possibilidades, conhecer mais profundamente um todo.

“Assim, o minúsculo, porta estreita, abre um mundo. O detalhe de uma coisa pode ser o sinal de um novo mundo que, como todos os outros, contém atributos de grandeza.”<sup>1</sup>

As peças variam entre 0.5cm e 5cm de altura.



<sup>1</sup> BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço, p. 307

## Deste Mundo

– Fio de cobre

Caráter industrial, estrutural.

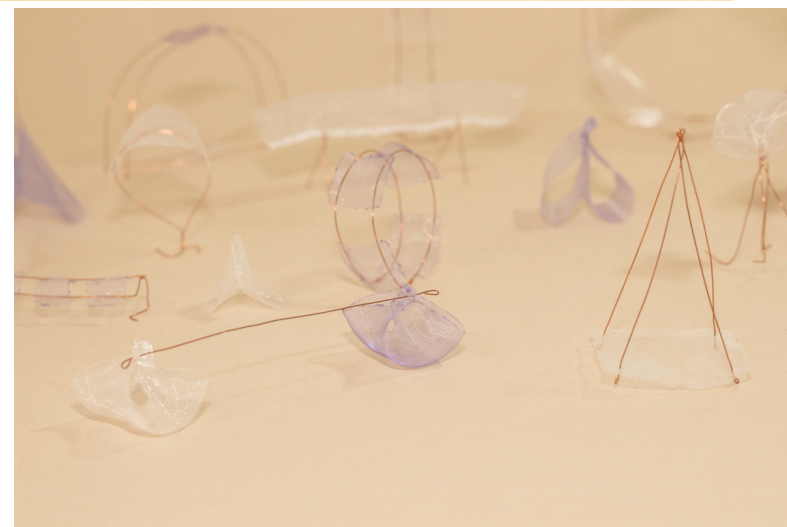
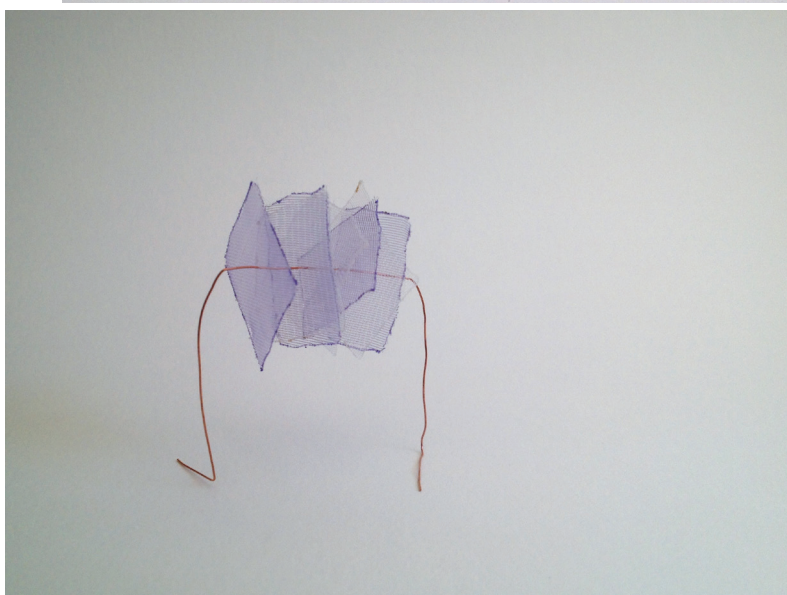
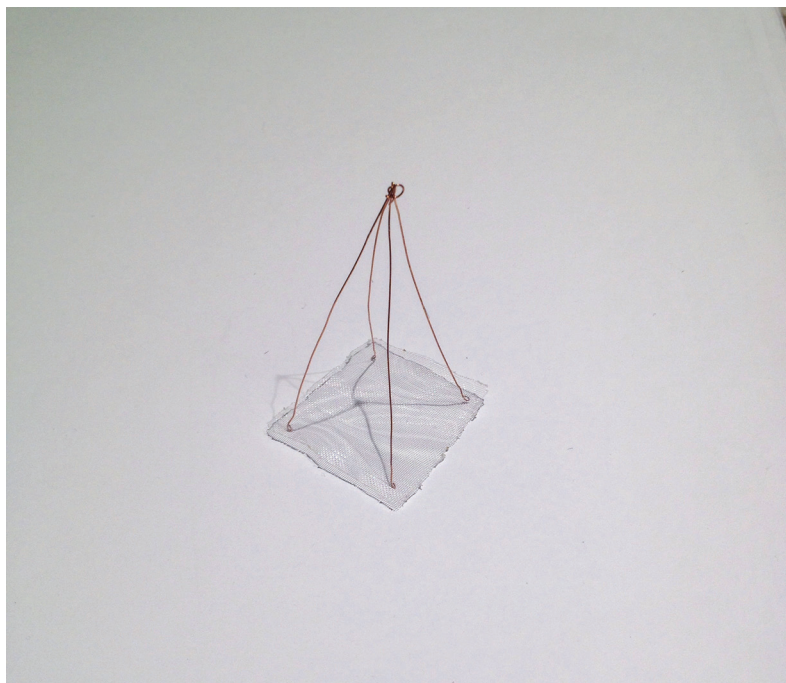
– Tecido

Caráter orgânico, humano. Leveza, etéreo, respiro, suspiro. Formas fechadas repletas de ar. Bolsa de ar. Tecido de ar. Corpo orgânico.

– Linha de costura

Aparece pontualmente, liga determinados pontos do tecido para manter a forma.

Juntos, tecido e fio de cobre, se equilibram. Em algumas peças o cobre se torna estruturador e o tecido entra como propositor de movimento formal. Outras vezes quem toca o solo é o tecido e o cobre atravessa o tecido e lhe diz como se posicionar na superfície. Troca de cumplicidades. Cada peça abre diferentes questões. Cada peça é o organismo de um ecossistema.



Deste mundo, arquivo do artista, 2014, estudos.  
Deste mundo, arquivo do artista, 2014, detalhe.

## Destes mundos

Após o começo do meu processo de orientação com a professora Karina Dias, a visão que eu tinha sobre meu trabalho mudou bastante. Comecei a entendê-lo como paisagem. Muito por sua disposição espacial marcada pela horizontalidade, pelo passeio visual que movimenta e varia o olhar por altos e baixos, contornos, vazios e pela experiência de contemplação.

Petrarca, poeta italiano do século XIV, tomado pela inquietude de exploração de pontos de vista diferentes, resolve fazer uma excursão ao Monte Ventoux, que tanto observou e admirou em seu cotidiano, por ser um monte que de tão alto se mostrava a qualquer um que passasse por seus arredores.

O poeta escreve uma carta relatando sua experiência ao escalar o monte em questão. A partir dessa experiência nos deparamos com uma reflexão bastante profunda de pontos de vista, que podem ser tomados a respeito de apenas um objeto. Pontos de vista, esses, que são vividos por Petrarca, seja durante sua vida, observando o monte do lugar que estivesse, seja em seu processo de escalada, seja consumido pela beleza da vista no alto do monte, seja contemplando sua própria experiência.

*“Desses múltiplos lugares, emergem paisagens elaboradas mentalmente que nos conduzem a um mundo interno, íntimo, cujo laço com o mundo exterior, concreto, é estabelecido por um sentimento de admiração, de maravilhamento e de contemplação”<sup>1</sup>.*

É esta qualidade de experiência que desejo que as pessoas tenham ao se encontrarem com o meu trabalho. Como uma paisagem que possa ser admirada e vivida por cada um de maneira única, íntima. Lugar onde cada um tenha a liberdade de criar sua própria rede de associações e relações internas. Onde cada um se torne Petrarca ao se relacionar com o Monte Ventoux.

“Após o pôr do sol, nos terraços do palácio real, Marco Polo expunha ao soberano o resultado de suas missões diplomáticas. Normalmente, o Grande Khan concluía as suas noites saboreando essas narrações com os olhos entreabertos até que o seu primeiro bocejo desse o sinal para que o cortejo de pajens acendesse os fachos para conduzir o soberano ao Pavilhão do Sono Augusto. Mas desta vez Kublai não parecia disposto a ceder à fadiga.

- Fale-me de outra cidade – Insistia.
- ...O viajante põe-se a caminho e cavalga por três jornadas entre o vento nordeste e noroeste... – prosseguia Marco, e relatava nomes e costumes e comércios de um grande número de terras. Podia-se dizer que o seu repertório era inexaurível, mas desta vez foi ele quem se rendeu. Ao amanhecer, disse: – Sire, já falei de todas as cidades que conheço.

<sup>1</sup> DIAS, Karina. Entre Visão e Invisão: Paisagem, p.124.

- Resta uma que você jamais menciona.

Marco Polo abaixou a cabeça.

- Veneza – disse o Khan.

Marco sorriu.

- E de que outra cidade imagina que eu estava falando?

O imperador não se afetou.

- No entanto, você nunca citou o seu nome.

E Polo:

- Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza.
- Quando pergunto das outras cidades, quero que você me fale a respeito delas. E de Veneza quando pergunto a respeito de Veneza.
- Para distinguir as qualidades das outras cidades, devo partir de uma primeira que permanece implícita. No meu caso, trata-se de Veneza.
- Então você deveria começar a narração de suas viagens do ponto de partida, descrevendo Veneza inteira, ponto por ponto, sem omitir nenhuma das recordações que você tem dela.

A água do lago estava encrespada; o reflexo dos ramos do antigo palácio real dos Sung fragmentava-se em reverberações cintilantes como folhas que flutuam.

- As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se – disse Polo. – Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já tenha perdido pouco a pouco.”<sup>1</sup>

Tudo o que Marco Polo vê está impregnado de tudo o que é internamente seu, no caso, a cidade em que nasceu, Veneza. Todas os lugares que ele visitar, por mais diferentes uns dos outros, vão lembrá-lo, de alguma forma, Veneza. Por mais que ele queira fugir disso, é impossível. Veneza se tornou seu lugar interno de referência. O mundo que vemos é só nosso, pois é visto por nosso vocabulário e mapa<sup>1</sup> individuais.

O mesmo acontece com Fra Mauro. Sua intenção inicial era a de criar um mapa de tudo o que existia no mundo. Ao contrário de Marco Polo, o frade não era um viajante, não era um explorador de terras distantes. Permanecia recluso dentro de seus aposentos em um mosteiro veneziano. Enquanto o frade não tinha pretensões de sair de Veneza, mas ainda assim explorar o mundo pelos relatos dos outros (“*Sempre estive mais disposto a permanecer onde estou, do que sair desse lugar e viajar para onde não estou*”),<sup>2</sup> Marco Pólo abandonou Veneza ainda pequeno para conhecer o mundo, mas mantinha sempre sua cidade natal viva dentro de si.

Mauro coletava relatos dos mais variados viajantes, das mais variadas origens, com o propósito de traduzir o mundo inteiro cartograficamente. Cada detalhe dado pelos visitantes era valioso para compor sua colcha de retalhos tão meticulosamente costurada, pois não poderia deixar de

<sup>1</sup> Mesmo significado sugerido por Italo Calvino

<sup>2</sup> COWAN, James. O Sonho do Cartógrafo. p 147.

<sup>1</sup> CALVINO, Italo. As cidades invisíveis, p.81 e 82



representar, em seu ambicioso mapa, nada que existisse. Ele queria representar, a seu modo, um mundo visto por outrem.

Aos poucos ele foi percebendo que, ao tomar estes relatos como guia para sua carta geográfica, estava lidando com questões extremamente pessoais e subjetivas.

“[...] ficava surpreso ao perceber que suas observações não eram, absolutamente, isentas. Elas eram afetadas por sentimentos que cada um julgava serem impressões de si próprio. Ou seja, o mundo que eles me ofereciam era um reflexo deles mesmos”.<sup>1</sup> Da mesma forma Kublai Khan notou que os relatos de Marco Polo eram absolutamente impregnados de seu mundo interior.

Constatou Fra Mauro ao cartografar o mundo, que os relatos que lhe foram transmitidos eram frutos do mapa pessoal de cada viajor. O frade então ao receber estes mapas, tornava-se portador deles e eram ressignificados a partir de seu universo particular. “Embora tenha me arvorado em seu cartógrafo oficial [da terra], não havia meios de saber se eu estava refletindo no meu mapa a existência do mundo ou minha própria existência”<sup>2</sup>

<sup>1</sup> COWAN, James. O Sonho do Cartógrafo. p. 78

<sup>2</sup> COWAN, James. O Sonho do Cartógrafo, p.80

“Em meu coração eu sei, no mais profundo recesso de mim mesmo, que o mapa que está para se desenrolar à minha frente representará, de uma vez por todas, a extensão do meu mundo. Algo que não poderá ser tirado de mim, a não ser no momento da morte, que me espreita sempre que tento me assenhorar do mundo em toda a sua eternidade.”<sup>1</sup>

Na realidade o que estava sendo criado ali era um mapa [im]possível.

\*\*\*

Já ouvi alguns comentários sobre meus trabalhos, comentários estes, que se formularam a partir de impressões imediatas que as pessoas tiveram ao se relacionarem com eles. São inúmeras as associações visuais feitas por elas, e todas são possíveis. Não é meu desejo limitar a experiência dos que se dispõem a entendê-los.

Por apresentarem formas abstratas e não quererem representar nada que exista fora *deste mundo*, quem as recebe procura à sua maneira criar uma rede de possíveis relações que possam explicar o que se vê. Estas relações se dão

<sup>1</sup> COWAN, James. O Sonho do Cartógrafo, p.151 e 152

dentro de cada observador munido de uma gramática visual própria. Só fazem sentido e só se fazem sentir no contexto de uma experiência interior. É aí que está a beleza das relações, que criam geografias.

Ninguém é estrangeiro *deste mundo*.

Movimento interiorano.<sup>1</sup>

Paisagens imaginárias.

<sup>1</sup> Interiorano: 1 relativo ou pertencente ao interior do país 2 diz-se de ou indivíduo que é natural ou habitante do interior. (metáfora com o movimento de viajar para o interior geograficamente e de si mesmo) Dicionário Houaiss.

## Bibliografia

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2a Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CALVINO, Italo. **Coleção de areia**. Companhia das Letras, 2010. 1ª ed. [*Collezione di sabbia*, 1984] Tradução: Maurício Santana Dias.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Companhia das Letras, 1990. 1ª ed. [*Le città invisibili*, 1972] Tradução: Diogo Mainardi.

COWAN, James. **O Sonho do Cartógrafo. Meditações de Fra Mauro na Corte de Veneza do Século XVI**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1999. Tradução: Maria de Lourdes Reis Menegale.

DIAS, Karina. **Entre Visão e Invisão: Paisagem. Por uma experiência da paisagem no cotidiano**. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010.

Dissertações:

VECHI, André. **Oposição e convergência: anotações sobre tensões no espaço**. Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas. Universidade de Brasília - Habilitação em Bacharelado, Departamento de Artes Visuais, Instituto de Artes. Orientador: Prof. Dr. Geraldo Orthof. Brasília, 2013.



PAIVA, Luciana. **Precário: fragilidade e instabilidade na imagem**. Dissertação de mestrado – Universidade de Brasília, Instituto de Artes, 2010.

Catálogos:

**Mira Schendel**. Organização: Pinacoteca do Estado de São Paulo e Tate Modern, Londres, em associação com a Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto, 2014.

Sites:

GOLDSWORTHY, Andy. Sticks in a Cobweb. Disponível em: <[http://www.goldsworthy.cc.gla.ac.uk/image/?id=ag\\_01517&t=1](http://www.goldsworthy.cc.gla.ac.uk/image/?id=ag_01517&t=1)>

MEIRELES, Cildo. Espaços Virtuais, Cantos. Disponíveis em: <<http://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/espacos-virtuais-cantos-ii-virtual-spaces-corners-ii>>

<<http://casavogue.globo.com/MostrasExpos/noticia/2013/05/cildo-meireles-abre-mostra-na-espanha.html>>

Significado da palavra *acesso* disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=acesso>>

Significado da palavra *interiorano* disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=interiorano>>